

Excerto extraído da Introdução do livro *Passagens*

“(…) Não se trata aqui de literatura em sentido estrito, menos ainda de crítica literária, mesmo se os autores convocados provêm no seu conjunto do *espaço literário*, como diria Blanchot. Não porque a literatura seja uma coisa despreciada, longe disso, mas porque é algo diferente o que se visa.

Não se trata igualmente de submeter o autor ou o texto convocados a um crivo psicanalítico, reduzindo a sua criatividade a uma grelha redutora, *edipiana*, por exemplo. Lacan, neste aspeto, foi categórico, ao lembrar-nos que não convém brincar ao psicólogo com a obra de arte, pois, na sua matéria, o artista sempre nos precede.¹

Há, contudo, um ponto de interseção entre a psicanálise e a literatura: são ambas «práticas da letra».² Assim, mais do que de ler psicanaliticamente um texto literário trata-se sobretudo de acolher o modo como ele se aproxima, rodeia ou contorna o real com que lida. Na verdade, há um real em jogo, isto é, um impossível de dizer ou de escrever, onde tropeça, mais cedo ou mais tarde, todo aquele que fala ou que escreve.

Talvez, por isso, em vez de literatura, fosse preferível o neologismo inventado por Lacan em 1971, *lituraterra*, para assinalar a borda, ou orla, onde a letra faz litoral entre o saber inconsciente e o gozo do corpo.³ Que do real deste gozo nem tudo se possa dizer, escrever ou imaginar é algo que tanto a literatura como a psicanálise experimentam, embora cada uma delas, à sua maneira, procure não abrir mão do desejo de acercar-se cada vez mais, ou pelo menos de dizer cada vez melhor, uma tal impossibilidade.

Se dizer ou escrever tudo é impossível, há algo no entanto que resta do esforço: passagens. O termo é equívoco, múltiplo. Ele assinala a encruzilhada onde confluem, isto é, de onde partem ou onde chegam, as diversas passagens que formam a trama deste livro: passagens literárias, sem dúvida, mas também passagens aéreas, passagens do tempo, inúmeras passagens de um lugar para outro (...).

Este livro é, assim, um cruzamento de passagens diversas. Mas o título nasceu de uma pergunta bem específica: *Já tem as passagens?* Não, nessa altura ainda não tinha as passagens. Ei-las, finalmente. Que alguma coisa passe através delas é o desejo que anima este livro.

Se bem que diversas, há um fio condutor que as liga: o ensino de Lacan. Foi ele que me orientou na psicanálise que fiz ao longo de vários anos, enquanto analisando, é ele que agora me orienta na minha prática como psicanalista. Mas o psicanalista não existe sempre, não opera sempre. Por vezes, alguma coisa passa. Há passagens.”

¹ LACAN, Jacques, «Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein», *Shakespeare, Duras, wedekin, Joyce*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989, p. 125.

² Cf. *Ibidem*.

³ LACAN, Jacques, «Lituraterra», *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 15-25.